

A Nova Semântica

8-1-66

RUBEM BRAGA

SEM se dar ao trabalho de chamá-lo ao Brasil, o Itamarati comunicou ao embaixador Paulo Carneiro que ele está dispensado de sua missão de nosso representante na UNESCO. Isso foi feito assim a sêco, por telegrama, como se faz para demitir um funcionário relapso. Tamanha falta de estilo não é coisa do Itamarati, que certamente seguiu ordens do alto. O estilo foi precisamente tudo o que se salvou das tradições do Itamarati nesta melancólica emergência de nossa política internacional, em que o Brasil abdicou de seu direito de pensar com a própria cabeça; nunca o ministro provisório, embaixador Castelo Branco, agiria com tal grossura.

Devemos atribuir, portanto, ao outro Castelo Branco, o marechal-presidente, a culpa dessa maneira errada de fazer a coisa errada: tirar o homem certo do lugar certo. Paulo Carneiro não é insubstituível; haverá para ele um substituto à altura do cargo, e capaz de desempenhar bem suas funções. Mas onde está, nisso, o interesse do Brasil? Paulo não desempenha bem suas funções: desempenha magnificamente. Tem condições especiais para isso, além de sua cultura, sua tarimba de alta escola, sua devoção ao trabalho: tem a autoridade de quem ajudou a fundar a UNESCO e dentro dela construiu um prestígio que muitos governos estrangeiros invejam ao nosso país.

Só tenho pena do cavalheiro que fôr mandado para substituir Paulo Carneiro: ele sentirá durante muito tempo, no sorriso dos representantes de outros países, aquela pergunta muda: «Por que mandaram você no lugar dele?».

Há quem diga que é princípio sagrado para o marechal-presidente só admitir embaixadores de carreira; princípio estranho em quem nomeou para Washington o general Juraci Magalhães, e cogita em cometer erro pior mandando-o para o Itamarati. Não desconheço as qualidades do general Juraci Magalhães e os serviços por ele prestados ao país; mas o bom-senso mostra que seu temperamento e seu estado nervoso, revelados recentemente em vários incidentes de que os homens de imprensa são testemunhas, quando não vítimas, o contra-indicam para a delicada função. Suas idéias sobre política internacional são as mais primárias, e sua ignorância nesse setor é natural em pessoa que sempre teve outras preocupações; cheio de repentes e susceptibilidades, ele, que é um homem inteligente e capaz, deveria ser o primeiro a reconhecer que não é a pessoa mais indicada para o cargo, como o sr. Vasco Leitão da Cunha não seria o mais indicado para comandar uma divisão motorizada.

Mas parece haver hoje em dia a presunção de que um general, pelo fato de ser patriota e bravo, é capaz de exercer bem qualquer cargo. O general Costa e Silva assumiu o Ministério da Guerra porque era «o mais antigo»; e será nomeado presidente da República porque... é ministro da Guerra. Eis o que se chama, na semântica nova, restaurar a democracia.